

MÁRIO DE ANDRADE

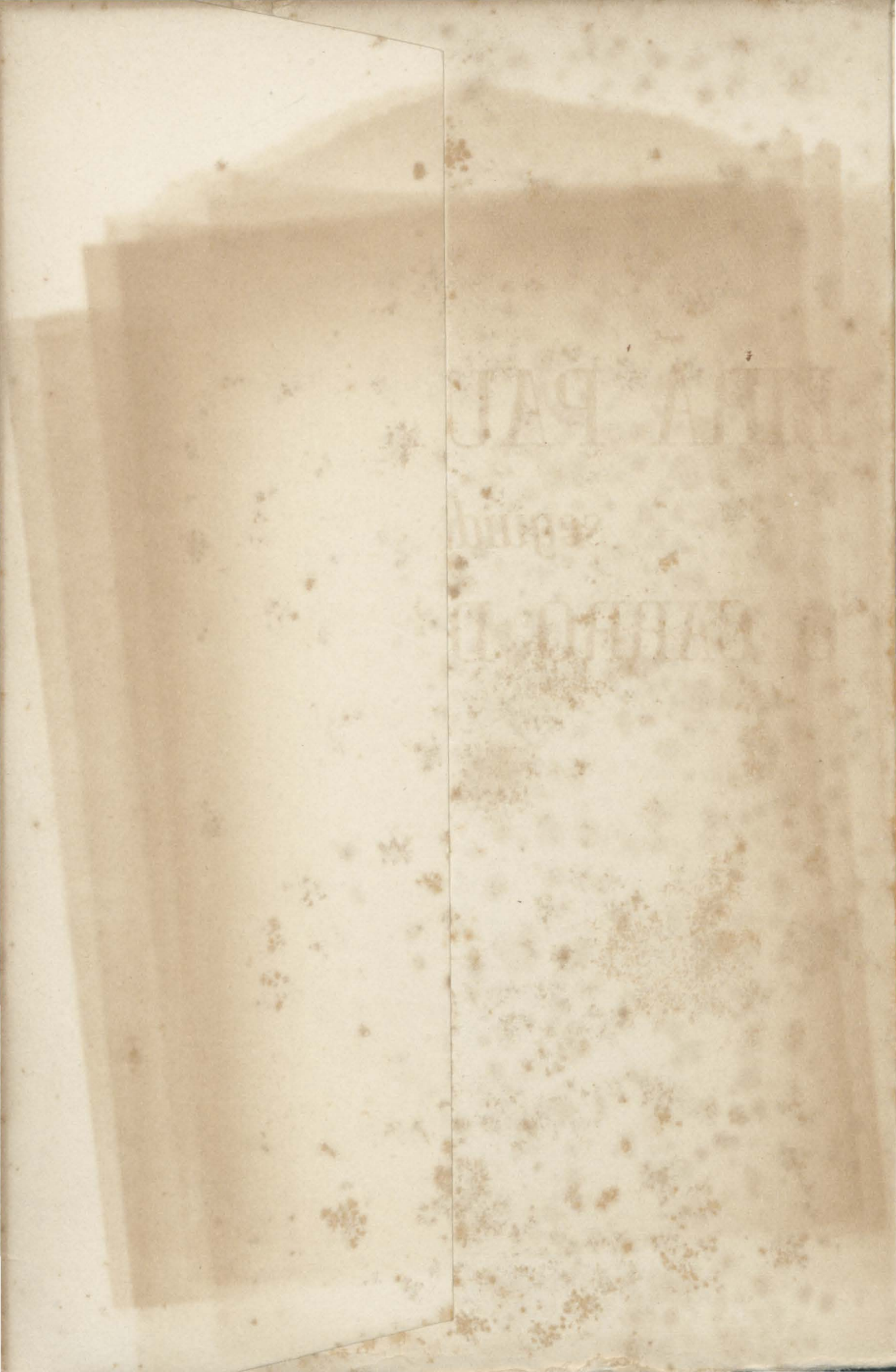
LIRA PAULISTANA

seguida de

O CARRO DA MISÉRIA

LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A.
SÃO PAULO

ura
ira
ds.
/ IEL



LIRA PAULISTANA
seguida de
O CARRO DA MISÉRIA

manus
scdata

100

LIBRA PALESTANA
CARRO DA MISERIA
LIBRA PALESTANA
CARRO DA MISERIA

MÁRIO DE ANDRADE

LIRA PAULISTANA
seguida de
O CARRO DA MISÉRIA



LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A.
SÃO PAULO

Na ed.

MG 0000 70 920

F-23508L

869.15

An 24L

14 5377

BCC

Primeira Edição

MARCO DE ANDRÉ

LIRA PAULISTANA

segunda de

O CARRO DA MISÉRIA



INSTITUTO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO
CAMPUS DE SÃO CARLOS

NOTA DO EDITOR

*Conforme desejo expresso de Má-
rio de Andrade, "Lira Paulistana" e "O
Carro da Miséria" saem juntos em edi-
ção original independente. Quando esta
se esgotar, serão incluídos com os de-
mais poemas no volume II das "Obras
Completas": "Poesias Completas".*

Lira Paulistana

Minha viola bonita,
Bonita viola minha,
Cresci, cresceste comigo
Nas Arábias.

Minha viola namorada,
Namorada viola minha,
Cantei, cantaste comigo
Em Granada.

Minha viola ferida,
Ferida viola minha,
O amor fugiu para leste
Na borrasca

Minha viola quebrada,
Raiva, anseios, lutas, vida,
Miséria, tudo passou-se
Em São Paulo.

São Paulo pela noite.
Meu espírito alerta
Baila em festa e metrópole.

São Paulo na manhã.
Meu coração aberto
Dilui-se em corpos flácidos.

São Paulo pela noite.
O coração alçado
Se expande em luz sinfônica.

São Paulo na manhã.
O espírito cansado
Se arrasta em marchas fúnebres.

São Paulo noite e dia...

A forma do futuro
Define as alvoradas:
Sou bom. E tudo é glória.

O crime do presente
Enoitece o arvoredo:
Sou bom. E tudo é cólera.

Garoa do meu São Paulo,
— Timbre triste de martírios —
Um negro vem vindo, é branco!
Só bem perto fica negro,
Passa e torna a ficar branco.

Meu São Paulo da garoa,
— Londres das neblinas finas —
Um pobre vem vindo, é rico!
Só bem perto fica pobre,
Passa e torna a ficar rico.

Garoa do meu São Paulo,
— Costureira de malditos —
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...

Garoa, sai dos meus olhos.

Vaga um céu indeciso entre nuvens cansadas.
Onde está o insofrido? O mal das almas
Quase parece um bem na linha das calçadas,
A palavra se inutiliza em brisas calmas

De andantes, onde estou! No entanto é dia claro...
Tôda forma de ação se esvai numa atonia,
Há desamparo e aceitação do desamparo.

— Essa história de amar quando começa o dia...

Ruas do meu São Paulo,
Onde está o amor vivo,
Onde está?

Caminhos da cidade,
Corro em busca do amigo,
Onde está?

Ruas do meu São Paulo,
Amor maior que o cibo,
Onde está?

Caminhos da cidade,
Resposta ao meu pedido,
Onde está?

Ruas do meu São Paulo,
A culpa do insofrido,
Onde está?

Há de estar no passado,
Nos séculos malditos,
Aí está.

Abre-te bôca e proclama
Em plena praça da Sé,
O horror que o Nazismo infame
É.

Abre-te bôca e certaíra,
Sem piedade por ninguém,
Conta os crimes que o estrangeiro
Tem.

Mas exalta as nossas rosas,
Esta primavera louca,
Os tico-ticos mimosos,
Cala-te bôca.

Êsse homem que vai sòzinho
Por estas praças, por estas ruas,
Tem consigo um segrêdo enorme,
É um homem.

Essa mulher igual às outras
Por estas ruas, por estas praças,
Traz uma surprêsa cruel,
É uma mulher.

A mulher encontra o homem,
Fazem ar de riso, e trocam de mão,
A surprêsa e o segrêdo aumentam
Violentos.

Mas a sombra do insofrido
Guarda o mistério na escuridão.
A morte ronda com sua foice.
Em verdade, é noite.

O disco terminara e a companhia estava vulnerada. Foi quando Camargo Guarnieri arrancou:

— Mas nunca numa sala de concérto, se pode obter sonoridade assim!

Um disse:

— Essa música é uma mentira.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

Tudo se turva em recusas escuras,
Muxibas congeladas, casas
Em série, músicas racionadas,
O deus novo científico e marcial
Gerando latagões. Em latas.

Partir eu parto...

Mas essa música é mentira.

Mas partir eu parto.

Mas eu não sei onde vou.

O bonde abre a viagem,
No banco ninguém,
Estou só, stou sem.

Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.

O bonde está cheio,
De novo porém
Não sou mais ninguém.

Eu nem sei si vale a pena
Cantar São Paulo na lida,
Só gente muito iludida
Limpa o gôto e assopra a avena,
Esta angústia não serena,
Muita fome pouco pão,
Eu só vejo na função
Miséria, dolo, ferida,
Isso é vida?

São glórias desta cidade
Ver a arte contando história,
A religião sem memória
De quem foi Cristo em verdade,
Os chefes nossa amizade,
Os estudantes sem textos,
Jornalismo no cabresto,
Tolos cantando vitória,
Isso é glória?

Divórcio pra todo o lado,
As guampas fazem furor,
Grã-finos do despudor,
No gasogênio empestado,
Das moças do operariado
São os gozosos mistérios,
Isso de ter filho, néris,
E se ama seja o que fôr,
Isso é amor?

Mas o pior desta nação
É ter fábrica de gás
Que donos-da-vida faz
Ianques e inglêses de ação,
Tudo vem de convulsão
Enquanto se insulta o Eixo,
Lights, Tramas, Corporation,
E a gente de trás pra trás,
Isso é paz?

Pois nada vale a verdade,
Ela mesma está vendida,
A honra é uma suicida,
Nuvem a felicidade,
E entre rosas a cidade,

Muito concha e relambória,
Sem paz, sem amor, sem glória,
Se diz terra progredida,
Eu pergunto:
Isso é vida?

O céu claro tão largo, cheio de calma na tarde,
É ver uma criança adormecida
Baixando as pálpebras sem pensamento
Sôbre um mundo que ainda não viveu.

Luzes suaves e certas, luzes até nas sombras,
Doçura em tudo. Os homens estão mais longe,
São apenas recordações mansas pousando
Num sentimento sem temor.
Os ruídos se amaciam quase envelhecidos,
Doçura em tudo. O chão é vagarento,
O ar se esquece. A tensão do insofrido se abranda
Como a firmeza das continuações.

Eu te guardo, homem do meu caminho...
Ôh espelhos, Pireneus, caiçaras insistentes,
Por que não sereis sempre assim!
Abril...

Tua imagem se apaga em certos bairros,
Mas tua dor rasga nos ares,
Não me deixa dormir.

Ôh, Gilda, Oneida, Tarsila, me fechem a bôca,
Tapem meus olhos e meus ouvidos,
Para que a glória do insofrido
Volte a cantar Minas Gerais!

A tua dor se dispersa nos ares,
Mas tua imagem suando ao dia inútil
Me impede até de chorar.

Eu vou-me embora, vou-me embora,
Fazer week-end em Santo Amaro,
Repartir em vãs alegrias
Meu desejo vão de esquecer!

Só isso levas, coração.

Numa cabeleira pesada
Que ondula defronte de mim
No bonde,
Há reflexos de sol vermelho.

Um calor nasce no meu corpo
Que todo se desfolha em dedos
Amigos
Que eu perco pelas multidões.

Os reflexos do sol vermelho
Incendeiam as multidões
Felizes
Que construirão a outra São Paulo

Que reconduzirá meus dedos
Para a conclusão do meu corpo
No leito
Duma cabeleira pesada.

Na rua Barão de Itapetininga

O meu coração não sabe de si,
Não se vê moça que não seja linda,
Minha namorada não passeia aqui.

Na rua Barão de Itapetininga
Minha aspiração não agüenta mais,
A tarde caindo, a vida foi longa,
Mas a esperança já está no cais.

Na rua Barão de Itapetininga
Minha devoção quebra duma vez,
Porque a mulher que eu amo está longe,
É... a princesa do império chinês.

Na rua Barão de Itapetininga
Noite de São João qualquer mês terá,
Em mil labaredas de fogo e sangue
Bandeira ardente tremulará.

Na rua Barão de Itapetininga
Minha namorada vem passear.

Beijos mais beijos,
Milhões de beijos preferidos,
Venho de amôres com a minha amada,
Insaciáveis.

Rosas mais rosas,
Milhões de rosas paulistanas,
Venho de sustos com a minha amiga,
Implacáveis.

Luzes mais luzes,
Luzes perdidas na garoa,
Trago tristezas no peito vivo,
Implacáveis.

Ideais, ideais,
Ideais raivosos do insofrido,
Trago verdades novas na bôca,
Insaciáveis.

Jornais, jornais,
Notícias que enchem e esvaziam,
— Me dá uma bomba sem retardamento,
Implacável!

Horas mais horas,
Rio do meu mistério esquivo,
— Me dá violetas pelos meus dedos
Insaciáveis...

Silêncio em tudo. Que a música
Rola em disco sem cessar.
Uns pensam, outros suspiram,
Um escuta.

Lourdes reina a paz em Varsóvia.
A advertência dos vidrilhos
Ladrilha tudo. Nos cantos
Murcham as flores de retórica.

Rui bom, cuidado! Motorista
Dos highlands do pensamento:
Nessas landas os nativos
Não consertam as estradas.

Minas Gerais, fruta paulista,
Sambre et Mause bem marxante,
Periga às vêzes, por confiança
Nas gageures.

Êsse clima de São Paulo,
Muito vento e bem calor,
Abrir e fechar de portas
Nas auroras do cristal.

Paulo Emílio assim que o ruído
Ruiu, o trem descarrilou
No screen-play ruim... Mas os ratos
Os ratos roem por aí.

Um largo gesto desmaia
Na ribalta. Não faz mal
Que em São Paulo deciolizem
Lagartixas ao sol.

Essa impiedade da paineira
Consigo mesma... Qualquer vento,
Vento qualquer... Os canários
Cantam que mais cantam.

Lourival sentencioso,
Parceiro de dor e vale,
Nunca houve fúrias de Averno
Em diabo grande.

O arreliquim de Tintagiles, Gilda,
Me esconde tudo, neblina.
A hera deu flor... A saudade
Lilá ri das inquietações.

Silêncio em tudo... Que a música
Na cuíca mansa e amiga,
Faz que diz mas não diz...
Adormeceram.

Bailam em saltos fluidos
Na graça flébil da tarde
— Adeus, meninas e violas! —
Mas o goleiro alvo explode
Num fulgor que salva o gol.

Insultos, glórias, estertores,
Menino que me recusas
Tua verdade em cruzeiros...
A massa bruta se esgueira
Buscando os refúgios.

Onde andam os perdões?...
A dor fugiu para as ilhas,
Enquanto a noite nega
Enfermos e agitados
Corpos, corpos, corpos.

A catedral de São Paulo
Por Deus! que nunca se acaba
— Como minha alma.

É uma catedral horrível
Feita de pedras bonitas
— Como minha alma.

A catedral de São Paulo
Nasceu da necessidade
— Como minha alma.

Sacro e profano edifício,
Tem pedras novas e antigas
— Como minha alma.

Um dia há de se acabar,
Mas depois se destruirá
— Como o meu corpo.

E a alma, memória triste,
Por sôbre os homens arisca,
Sem pôrto.

...os que esperam, os que perdem
o motivo, os que emudecem,
os que ignoram, os que ocultam
a dor, os que desfalecem

os que continuam, os
que duvidam... Coração,
Afirma, afirma e te abrasa
Pelas milícias do não!

Agora eu quero cantar
Uma história muito triste
Que nunca ninguém cantou,
A triste história de Pedro,
Que acabou qual principiou.

Não houve acalanto. Apenas
Um guincho fraco no quarto
Alugado. O pai falou,
Enquanto a mãe se limpava:
— É Pedro. E Pedro ficou.
Ela tinha o que fazer,
Êle inda mais, e outro nome
Ali ninguém procurou,
Não pensaram em Alcibíades,
Floriscópio, Ciro, Adrasto,
Que-dê tempo pra inventar!
— É Pedro. E Pedro ficou.

Pedrinho engatinhou logo
Mas muito tarde falou;
Ninguém falava com êle,
Quando chorava era surra
E aprendeu a emudecer.
Falou tarde, brincou pouco,
Em breve a mãe ajudou.
Nesse trabalho insuspeito
Passou o dia, e nem bem
A noite escura chegou,
Como única resposta
Um sono bruto o prostrou.

Por trás do quarto alugado
Tinha uma serra muito alta
Que Pedro nunca notou,
Mas num dia dêsses, não
Se sabe porquê, Pedrinho
Para a serra se voltou:
— Havia de ter, decerto,
Uma vida bem mais linda
Por trás da serra, pensou.

Sineta que fere ouvido,
Vida nova anunciou;
Que mêdo ficar sòzinho,

Sem pai, mesmo longínquo, sem
Mãe, mesmo ralhando, tanta
Piasada, êle sem ninguém...

Pedro foi para um cantinho,
Escondeu o olho e chorou.
Mas depois foi divertido,
Aliás prazer misturado,
Feito de comparação.
O menino roupa-nova
Pegava tudo o que a mestra
Dizia, êle não pegou!
Por quê!... Mas depois de muito
Custo, a coisa melhorou.

Êle gostava era da
História Natural, os
Bichos, as plantas, os pássaros,
Tudo entrava fácil na
Cabecinha mal penteada,
Tudo Pedro decorou.
Havia de saber tudo!
Se dedicar! descobrir!
Mas já estava bem grandinho
E o pai da escola o tirou.
Ah que dia desgraçado!
E quando a noite chegou,
Como única resposta
Um sono bruto o prostrou.

Por trás da escola de Pedro
Tinha uma serra bem alta
Que o menino nunca olhou;
Logo no dia seguinte
Quando a oficina parou,
Machucado, sujo, exausto,
Pedrinho a escola rondou.
E eis que de repente, não
Se sabe por quê, Pedrinho
Para a serra se voltou:
— Havia de ter por certo
Outra vida bem mais linda
Por trás da serra! pensou.

Vida que foi de trabalho,
Vida que o dia espalhou,
Adeus bela natureza,
Adeus, bichos, adeus, flores,
Tudo o rapaz, obrigado
Pela oficina, largou.
Perdeu alguns dentes e antes,
Pouco antes de fazer quinze
Anos, na bôca da máquina
Um dedo Pedro deixou.
Mas depois de mês e pico
Ao trabalho êle voltou,

E quando em frente da máquina,
Pensam que teve ódio? Não!
Pedro sentiu alegria!
A máquina era êle! a máquina
Era o que a vida lhe dava!
E Pedro tudo perdoou.

Foi pensando, foi pensando,
E pensou que mais pensou,
Teve uma idéia, veio outra,
Andou falando sozinho,
Não dormiu, fêz experiência,
E um ano depois, num grito,
Louca alegria de amor,
A máquina aperfeiçoou.
O patrão veio amigável
E Pedro galardoou,
Pôs êle noutra trabalho,
Subiu um pouco o ordenado:
— Aperfeiçoe esta máquina,
Caro Pedro! e se afastou.

Era um cacareco de
Máquina! e lá, bem na frente,
Bela, puxa vida! bela,
A primeira namorada
De Pedro, nas mãos dum outro,

Bela, mais bela que nunca,
Se mexendo trabalhou
O dia inteiro. Nem bem
A noite negra chegou,
O rapaz desiludido
Um sono bruto prostrou.

Por trás da fábrica havia
Uma serra bem mais baixa
Que Pedro nunca enxergou,
Porém no dia seguinte
Chegando pra trabalhar,
Não se sabe por quê, Pedro
Para a serra se voltou:
— Havia de ter, decerto,
Uma vida bem mais linda
Por trás da serra, pensou.

Ôh, segunda namorada,
Flor de abril! cabelo crêspo,
Mão de princesa, corpinho
De vaca nova... Era vaca.
Aquêlé riso que faz
Que ri, nunca me enganou...
Caiu nos braços de quem?
Caiu nos braços de todos,
Caiu na vida e acabou.

Com a terceira namorada,
Na primeira roupa preta,
Pedro de prêto casou.
E logo vieram os filhos,
Vieram doenças... Veio a vida
Que tudo, tudo aplainou.
Nada de horrível, não pensem,
Nenhuma desgraça ilustre
Nem dores maravilhosas,
Dessas que orgulham a gente,
Fazendo cegos vaidosos,
Tísicos excepcionais,
Ou formando Aleijadinhos,
Beethovens e heróis assim:
Pedro apenas trabalhou.
Ganhou mais, foi subindinho,
Um pão de terra comprou.
Um pão apenas, três quartos
E cozinha, num subúrbio
Que tudo dificultou.
Menos tempo, mais despesa,
Terra fraca, alguma pêra,
Emprêgo lá na cidade,
Escola pra filho, ofício
Pra filho, um num choque de
Trem, inválido ficou.

—Sono! único bem da vida!...

Foi essa frase sem fôrça,
Sem História Natural,
Sem máquina, sem patente
De invenção, que por derradeiro
Pedro na vida inventou.
E quando remoendo a frase,
A noite preta chegou,
Pedro, Pedrinho, José,
Francisco, e nunca Alcibíades,
Um sono bruto anulou.

Por trás da morada nova
Não tinha serra nenhuma,
Nem morro tinha, era um plano
Devastado e sem valor,
Mas um dia dêsses, sempre
Igual ao que ontem passou,
Pedro, João, Manduca, não
Se sabe porquê, António
Para o plano se voltou:
— Talvez houvesse, quem sabe,
Uma vida bem mais calma
Além do plano, pensou.

Havia, Pedro, era a morte,
Era a noite mais escura,
Era o grande sono imenso;

Havia, desgraçado, havia
Sim, burro, idiota, bêsta,
Havia sim, animal,
Bicho, escravo sem história,
Só da História Natural!...

Por trás do túmulo dêle
Tinha outro túmulo... Igual.

Na rua Aurora eu nasci
Na aurora de minha vida
E numa aurora cresci.

No largo do Paissandu
Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu.

Nesta rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado
Nem sei quem foi Lopes Chaves.

Mamãe! me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como êsses nomes da rua.

Vieste dum futuro selvagem,
Todo fera e diamante bruto,
Trazido pelo vento sul,
Vento sul.

Me perseguiste em tôda a parte,
Me brutalizou teu minuto
Em Mogi, São Bernardo e Embu,
Vento sul.

Mas a devastação fraterna
Incendeia o coração puro
Em labaredas de ouro e azul,
Vento sul.

E na promessa do teu nome,
Partindo os espelhos do escuro,
Me converteste em vento sul,
Vento sul.

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.

Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coió.

Mulher gordaça, filó
De ouro por todos os poros.
Burra como uma porta:
Paciência...

Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta do pobre arromba:
Uma bomba.

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

Na Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.

Num filme de B. de Mille
Eu vi pela quinta vez
A triste vida de Cristo,
Rei dos Reis.

Num mictório de São Paulo
Pouco depois li uma vez,
Sobre o desenho dum pênis,
Rei dos reis.

Num automóvel de luxo,
Sessenta vêzes por mês,
Bem barbeado, bom charuto,
Rei dos reis...

Oh, vós todos, homens, homens,
Homens, o escravo sereis,
Si dentro em breve não fôrdes
Rei dos reis!

Entre o vidrilho das estrêlas dúbias,
Luisito, voas na guerra italiana...
És minuto e depois minuto, e inteiro
O corpo novo se retesa
Na contensão dos esforços finais.

Cada momento de tua vida é um fim final.

Dentro da luz do sol das mil côres,
Luisito, voas no teu avião de combate,
E és único. Tão só! Estás tão destinadamente abandonado
Num céu de tocaia, tecido a fogo e destruição.

Cada gesto, cada vontade tua é destruição...

Pousado na terra sem sono,
Dormes envolto num cenário insatisfeito,
E tudo o que é não é: teu lar, tuas namoradas,
Teus estudos e a promessa não cumprida.

Luisito! tens um sabor de promessa falhada!

Em pleno ôlho sem pálpebras dás morte,
Armado de morte, cercado de morte, amante da morte,
Voas e há sòmente morte em ti.
Como te fizeram antigo, Luisito, que pena!
Quando voltares, si voltares, jamais te perguntarei nada,
Jamais direi, jamais direi, ficarei mudo, mudo,
Jamais siquer me perguntarei o que sinto...

Mas como te fizeram antigo, meu Luisito!
Rajadas de sino, rajadas de bandeiras, músicas e danças:
Tudo será esquecido na alegria,
Tudo será futuro em busca do homem novo.
Mas eu sei que em tua face não culpada
Estará inscrita a lágrima que eu choro.

Ah, que ninguém nos deixe aos dois sòzinhos
Neste nosso lar familiar!
Quem são os dois inimigos que se cumprimentam
[formalizados?
Por que escurece a sala o friúme dum rancor?
Como te fizeram antigo, meu Luisito, que pena!
Como te medalharam de passados horríveis!
Não poderei perdoar quando estiver comigo!
Não deverás perdoar pra que sejas perfeito!

A porta vai bater fechando sem adeus.
E alguém, não serei eu, não serás tu, alguém,
Alguém que se quebrou em dois irremediavelmente,
Soluçará: — Que pena...

Nunca estará sòzinho.
A estação cinquentenária
Abre a paisagem ferroviária,
Graciano vem comigo.

Nunca estará sòzinho.
É tanta luz formosa,
Tanto verde, tanto côr-de-rosa,
Anita vem comigo.

Nunca estará sòzinho,
Artigas ali na Escola,
Sargentos, Yan? Me pede esmola
O rancor do inimigo.

Todo o Nordeste canta,
Zé Bento vem comigo,
Confissões na garganta,
Nunca estará sòzinho.

A ponte das Bandeiras
Indaga das remotas
Zonas, imaturas zonas,
Meu sinal do Amazonas...

Nunca estará sòzinho!
Nem há noite que o salve
Da angústia que o dissolve
Em amigos e inimigos.

A Meditação Sôbre o Tietê

Água do meu Tietê,
Onde me queres levar?
— Rio que entras pela terra
E que me afastas do mar...

É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável
Da Ponte das Bandeiras o rio
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,
Soturnas sombras, enchem de noite tão vasta
O peito do rio, que é como si a noite fôsse água,
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões
As altas tôrres do meu coração exausto. De repente
O ólio das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,
É um susto. E num momento o rio
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,
Ruas, ruas, por onde os dinosauros caxingam
Agora, arranha-céus valentes donde saltam
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,
Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.

E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam
Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.

Meu rio, meu Tietê, onde me levas?
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas
E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,
Onde me queres levar? . . .
Por que me proíbes assim praias e mar, por que
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,
Me induzindo com a tua insistência turrona paulista
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio! . . .

Já nada me amarga mais a recusa da vitória
Do indivíduo, e de me sentir feliz em mim.
Eu mesmo desisti dessa felicidade deslumbrante,
E fui por tuas águas levado,
A me reconciliar com a dor humana pertinaz,
E a me purificar no barro dos sofrimentos dos homens.
Eu que decido. E eu mesmo me reconstituí árduo na dor
Por minhas mãos, por minhas desvivas mãos, por

Estas minhas próprias mãos que me traem,
Me desgastaram e me dispersaram por todos os descaminhos,
Fazendo de mim uma trama onde a aranha insaciada
Se perdeu em cisco e porem, cadáveres e verdades e ilusões.

Mas porém, rio, meu rio, de cujas águas eu nasci,
Eu nem tenho direito mais de ser melancólico e frágil,
Nem de me estrelar nas volúpias inúteis da lágrima!
Eu me reverto às tuas águas espessas de infâmias,
Oliosas, eu, voluntariamente, sôfregamente, sujado
De infâmias, egoísmos e traições. E as minhas vozes,
Perdidas do seu tenor, rosnam pesadas e oliosas,
Varando terra a dentro no espanto dos mil futuros,
À espera angustiada do ponto. Não do meu ponto final!
Eu desisti! Mas do ponto entre as águas e a noite,
Daquele ponto leal à terrestre pergunta do homem,
De que o homem há de nascer.

Eu vejo, não é por mim, o meu verso tomando
As cordas oscilantes da serpente, rio.
Tôda a graça, todo o prazer da vida se acabou.
Nas tuas águas eu contemplo o Boi Paciência
Se afogando, que o peito das águas tudo soverteu.
Contágios, tradições, brancuras e notícias,
Mudo, esquivo, dentro da noite, o peito das águas, fechado, mudo,
Mudo e vivo, no despeito estrídulo que me fustiga e devora.

Destino, predestinações... meu destino. Estas águas
Do meu Tietê são abjetas e barrentas,
Dão febre, dão a morte decerto, e dão garças e antíteses.
Nem as ondas das suas praias cantam, e no fundo
Das manhãs elas dão gargalhadas frenéticas.
Silvos de tocaias e lamurientos jacarés.
Isto não são águas que se beba, conhecido, isto são
Águas do vício da terra. Os jabirus e os socós
Gargalham depois morrem. E as antas e os bandeirantes e os ingás,
Depois morrem. Sobra não. Nem sequer o Boi Paciência
Se muda não. Vai tudo ficar na mesma, mas vai!... e os corpos
Podres envenenam estas águas completas no bem e no mal.

Isto não são águas que se beba, conhecido! Estas águas
São malditas e dão morte, eu descobri! e é por isso
Que elas se afastam dos oceanos e induzem à terra dos homens,
Paspalhonas. Isto não são águas que se beba, eu descobri!
E o meu peito das águas se esborrifa, ventarrão vem, se encapela,
Engruvinhado de dor que não se suporta mais.

Me sinto o pai Tietê! ôh fôrça dos meus sovacos!
Cio de amor que me impede, que destrói e fecunda!
Nordeste de impaciente amor sem metáforas,
Que se horroriza e enraivece de sentir-se
Demagògicamente tão sòzinho! Ôh fôrça!
Incêndio de amor estrondante, enchente magnânima que me inunda,
Me alarma e me destroça, inerme por sentir-me
Demagògicamente tão só!

A culpa é tua, Pai Tietê? A culpa é tua
Si as tuas águas estão podres de fel
E majestade falsa? A culpa é tua
Onde estão os amigos? onde estão os inimigos?
Onde estão os pardais? e os teus estudiosos e sábios, e
Os iletrados?
Onde o teu povo? e as mulheres! dona Hircenuhdis Quiroga!
E os Prados e os crespos e os pratos e os barbas e os gatos e os
[línguas
Do Instituto Histórico e Geográfico, e os mu-
seus e a Cúria, e os senhores chantres reverendíssimos,
Celso niil estate variolas gide memoriam,
Calípedes flogísticos e a Confraria Brasiliense e Clima
E os jornalistas e os trustkistas e a Light e as
Novas ruas abertas e a falta de habitações e
Os mercados?... E a tiradeira divina de Cristo!...

Tu és Demagogia. A própria vida abstrata tem vergonha
De ti em tua ambição fumarenta.
És demagogia em teu coração insubmisso.
És demagogia em teu desequilíbrio anticéptico
E antiuniversitário.
És demagogia. Pura demagogia.
Demagogia pura. Mesmo alimpada de metáforas.
Mesmo irrespirável de furor na fala reles:
Demagogia.
Tu és enquanto tudo é eternidade e malvasia:
Demagogia.

Tu és em meio à (crase) gente pia:

Demagogia.

És tu jocoso enquanto o ato gratuito se esvazia:

Demagogia.

És demagogia, ninguém chegue perto!

Nem Alberto, nem Adalberto nem Dagoberto

Esperto Ciumento Peripatético e Ceci

E Tancredo e Afrodísio e também Armida

E o próprio Pedro e também Alcibiades,

Ninguém te chegue perto, porque tenhamos o pudor,

O pudor do pudor, sejamos verticais e sutis, bem

Sutis!... E as tuas mãos se emaranham lerdas,

E o Pai Tietê se vai num suspiro educado e sereno,

Porque és demagogia e tudo é demagogia.

Olha os peixes, demagogo incivil! Repete os carcomidos peixes!

São êles que empurram as águas e as fazem servir de alimento

Às areias gordas da margem. Olha o peixe dourado sonoro,

Êsse um é presidente, mantém faixa de crachá no peito,

Acirculado de tubarões que escondendo na fussa rotunda

O perrepismo dos dentes, se revesam na rota solene,

Lânguidamente presidenciais. Ei-vem o tubarão-martelo

E o lambari-spitfire. Ei-vem o bôto-ministro.

Ei-vem o peixe-boi com as mil mamicas imprudentes,

Perturbado pelos golfinhos saltitantes e as tabaranas

Em zás-trás dos guapos Pêdêcês e Guaporés.

Eis o peixe-baleia entre os peixes muçuns lineares,

E os bagres do lôdo oliva e bilhões de peixins japoneses;
Mas és asnático o peixe-baleia e vai logo encalhar na margem,
Pois quis engolir a própria margem, confundido pela facheada.
Peixes aos mil e mil, como se diz, brincabrilcando
De dirigir a corrente, com ares de salva-vidas.
E lá vem por debaixo e por de-banda os interrogativos peixes
Internacionais, uns rubicundos sustentados de môsca,
E os espadartes a trote chique, êsses são espadartes! e as duas
Semanas Santas se insultam e odeiam, na lufa-lufa de ganhar
No bicho o corpo do Crucificado. Mas as águas,
As águas choram baixas num murmúrio lívido, e se difundem
Tecidas de peixe e abandono, na mais incompetente solidão.

Vamos, Demagogia! eia! sus! aceita o ventre e investe!
Berra de amor humano impenitente,
Cega, sem lágrima, ignara, colérica, investe!
Um dia hás de ter razão contra a ciência e a realidade,
E contra os fariseus e as lontras luzidias.
E contra os guarás e os elogiados. E contra todos os peixes.
E também os mariscos, as ostras e os trairões fartos de equilíbrio e
Pundhonor.

Pum d'honor.

Qué-de as Juvenilidades Auriverdes!
Eu tenho mêdo... Meu coração está pequeno, é tanta
Essa demagogia, é tamanha,
Que eu tenho mêdo de abraçar os inimigos,

Em busca apenas dum sabor,
Em busca dum olhar,
Um sabor, um olhar, uma certeza...

É noite... Rio! meu rio! meu Tietê!
É noite muito!... As formas... Eu busco em vão as formas
Que me ancorem num pôrto seguro na terra dos homens.
É noite e tudo é noite. O rio tristemente
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
Água noturna, noite líquida... Augúrios mornos afogam
As altas tórres do meu exausto coração.
Me sinto esvair no apagado murmúlio das águas.
Meu pensamento quer pensar, flor, meu peito
Queria sofrer, talvez (sem metáfora) uma dor irritada...
Mas tudo se desfaz num choro de agonia
Plácida. Não tem formas nessa noite, e o rio
Recolhe mais esta luz, vibra, reflete, se aclara, refulge,
E me larga desarmado nos transe da enorme cidade.

Si todos êsses dinosauros imponentes de luxo e diamante,
Vorazes de genealogias e de arcanos,
Quisessem reconquistar o passado...
Eu me vejo sòzinho, arrastando sem músculo
A cauda do pavão e mil olhos de séculos,
Sobretudo os vinte séculos de anticristianismo
Da por todos chamada Civilização Cristã...

Olhos que me intrigam, olhos que me denunciam,
Da cauda do pavão, tão pesada e ilusória.
Não posso continuar mais, não tenho, porque os homens
Não querem me ajudar no meu caminho.
Então a cauda se abriria orgulhosa e reflorescente
De luzes inimagináveis e certezas...
Eu não seria tão somente o pêso dêste meu desconsôlo,
A lepra do meu castigo queimando nesta epiderme
Que encurta, me encerra e me inutiliza na noite,
Me revertendo minúsculo à advertência do meu rio.
Escuto o rio. Assunto êstes balouços em que o rio
Murmura num banzeiro. E contemplo
Como apenas se movimenta escravizada a torrente,
E rola a multidão. Cada onda que abrolha
E se mistura no rolar fatigado é uma dor. E o surto
Mirim dum crime impune.

Vem de trás o estirão. É tão soluçante e tão longo,
E lá na curva do rio vêm outros estirões e mais outros,
E lá na frente são outros, todos soluçantes e presos
Por curvas que serão sempre apenas as curvas do rio.
Há de todos os assombros, de tôdas as purezas e martírios
Nesse rôlo tôrvo das águas. Meu Deus! meu
Rio! como é possível a torpeza da enchente dos homens!
Quem pode compreender o escravo macho
E multimilenar que escorre e sofre, e mandado escorre
Entre injustiça e impiedade, estreitado

Nas margens e nas areias das praias sequiosas?
Elas bebem e bebem. Não se fartam, deixando com desespero
Que o resto do galé aquoso ultrapasse êsse dia,
Pra ser represado e bebido pelas outras areias
Das praias adiante, que também dominam, aprisionam e mandam
A trágica sina do rôlo das águas, e dirigem
O leito impassível da injustiça e da impiedade.
Ondas, a multidão, o rebanho, o rio, meu rio, um rio
Que sobe! Fervilha e sobe! E se adentra fatalizado, e em vez
De ir se alastrar arejado nas liberdades oceânicas,
Em vez se adentra pela terra escura e ávida dos homens,
Dando sangue e vida a beber. E a massa líquida
Da multidão onde tudo se esmigalha e se iguala,
Rola pesada e oliosa, e rola num rumor surdo,
E rola mansa, amansada imensa eterna, mas
No eterno imenso rígido canal da estulta dor.

Por que os homens não me escutam! Por que os governadores
Não me escutam? Por que não me escutam
Os plutocratas e todos os que são chefes e são fezes?
Todos os donos da vida?
Eu lhes daria o impossível e lhes daria o segrêdo,
Eu lhes dava tudo aquilo que fica pra cá do grito
Metálico dos números, e tudo
O que está além da insinuação cruenta da posse.
E si acaso êles protestassem, que não! que não desejam
A borboleta translúcida da humana vida, porque preferem

O retrato a óleo das inaugurações espontâneas,
Com béstias de operário e do oficial, imediatamente inferior,
E palminhas, e mais os sorrisos das máscaras e a profunda comoção,
Pois não! Melhor que isso eu lhes dava uma felicidade deslumbrante
De que eu consegui me despojar porque tudo sacrifiquei.
Sejamos generosíssimos. E enquanto os chefes e as fezes
De mamadeira ficassem na creche de laca e lacinhos,
Ingênuos brincando de felicidade deslumbrante:
Nós nos iríamos de camisa aberta ao peito,
Descendo verdadeiros ao léu da corrente do rio,
Entrando na terra dos homens ao côro das quatro estações.

Pois que mais uma vez eu me aniquilo sem reserva,
E me estilhaço nas fagulhas eternamente esquecidas,
E me salvo no eternamente esquecido fogo de amor...
Eu estalo de amor e sou só amor arrebatado
Ao fogo irrefletido do amor.

... eu já amei sozinho comigo; eu já cultivei também
O amor do amor, Marta!

E a carne plena da amante, e o susto vário
Da amiga, e a confiança do amigo... Eu já amei
Contigo, Irmão Pequeno, no exílio da preguiça elevada, escolhido
Pelas águas do turbido rio do Amazonas, meu outro sinal.
E também, ôh também! na mais impávida glória
Descobridora da minha inconstância e aventura,
Desque me fiz poeta e fui trezentos, eu amei
Todos os homens, odiei a guerra, salvei a paz!

E eu não sabia! Eu bailo de ignorâncias inventivas,
E a minha sabedoria vem das fontes que eu não sei!
Quem move meu braço? Quem beija por minha bôca?
Quem sofre e se gasta pelo meu renascido coração?
Quem? sinão o incêndio nascituro do amor? . . .
Eu me sinto grimpado no arco da Ponte das Bandeiras,
Bardo mestiço, e o meu verso vence a corda
Da caninana sagrada, e afina com os ventos dos ares, e enrouquece
Úmido nas espumas da água do meu rio,
E se espatifa nas dedilhações brutas do incorpóreo Amor.

Por que os donos da vida não me escutam?
Eu só sei que eu não sei por mim! sabem por mim as fontes
Da água, e eu bailo de ignorâncias inventivas.
Meu baile é sôlto como a dor que range, meu
Baile é tão vário que possui mil sambas insonhados!
Eu converteria o humano crime num baile mais denso
Que estas ondas negras de água pesada e oliosa,
Porque os meus gestos e os meus ritmos nascem
Do incêndio puro do amor. . . Repetição. Primeira voz sabida, o
[Verbo.
Primeiro trôco. Primeiro dinheiro vendido. Repetição logo igno-
[rada.

Como é possível que o amor se mostre impotente assim
Ante o ouro pelo qual o sacrificam os homens,
Trocando a primavera que brinca na face das terras
Pelo outro tesouro que dorme no fundo baboso do rio!

É noite! é noite!... E tudo é noite! E os meus olhos são noite!
Eu não enxergo sequer as barcaças na noite.
Só a enorme cidade. E a cidade me chama e pulveriza,
E me disfarça numa queixa flébil e comedida,
Onde irei encontrar a malícia do Boi Paciência
Redivivo. Flor. Meu suspiro ferido se agarra,
Não quer sair, enche o peito de ardência ardilosa,
Abre o olhar, e o meu olhar procura, flor, um tilintar
Nos ares, nas luzes longe, no peito das águas,
No reflexo baixo das nuvens.

São formas... Formas que fogem, formas
Indivisas, se atropelando, um tilintar de formas fugidias
Que mal se abrem, flor, se fecham, flor, flor, informes, inacessíveis,
Na noite. E tudo é noite. Rio, o que eu posso fazer!...
Rio, meu rio... mas porém há de haver com certeza
Outra vida melhor do outro lado de lá
Da serra! E hei de guardar silêncio!
O que eu posso fazer!... hei de guardar silêncio
Dêste amor mais perfeito do que os homens?...

Estou pequeno, inútil, bicho da terra, derrotado.
No entanto eu sou maior... Eu sinto uma grandeza infatigável!
Eu sou maior que os vermes e todos os animais.
E todos os vegetais. E os vulcões vivos e os oceanos,

Maior... Maior que a multidão do rio acorrentado,
Maior que a estrêla, maior que os adjetivos,
Sou homem! vencedor das mortes, bem-nascido além dos dias,
Transfigurado além das profecias!

Eu recuso a paciência, o boi morreu, eu recuso a esperança.
Eu me acho tão cansado em meu furor.
As águas apenas murmuram hostis, água vil mas turrona paulista
Que sobe e se espraia, levando as auroras represadas
Para o peito dos sofrimentos dos homens.
... e tudo é noite. Sob o arco admirável
Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,
Uma lágrima apenas, uma lágrima,
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.

(30-XI-44 a 12-II-45)

(Acalanto para Luís Carlos, filho de Guilherme de Figueiredo com Alba.)

Nasceu Luís Carlos no Rio
E todo me transportei,
Luís Carlos do meu carinho.

Vive um Luís Carlos sòzinho
E todo me apaixonei,
Luís Carlos do meu respeito.

Luís Carlos, dorme em meu peito,
Goza a infância sossegado,
Sonha, brinca, dorme, dorme!

Luís Carlos, fecundo, enorme,
Sofre o sonho amordaçado,
Não cede, não vive, flâmula!

Criança, nasces num cúmulo
De nuvem rubra e pletora
Que dará volta na vida.

Homem, morres nessa lida
Pra que a criança de agora
Viva outra vida mais branca.

Dorme, Luís Carlos, a franca
Perfeição dêsse teu sono,
Enquanto o mundo é mudado

Pelo homem sacrificado
Por amor do teu futuro.
Que vivas íntegro, como
Hoje puro, amanhã puro.

O Carro da Miséria

O Carro da Miséria

a Carlos Lacerda

I

O quê que vêm fazer pelos meus olhos tantos barcos
Lenços rompendo adeuses presentinhos
Charangas na terra-roxa das estações um grito
Um grito não um gruto
Que me faz esquecer a miséria do mundo pão pão...

O quê que vem fazer na minha bôca um beijo
A mulher da Bolívia agarrando
Um penacho de viúvas restritas
Restritas não restrutas
Que o papagalo repassa e põe na vida...

Ah... caminhos caminhos caminhos errados de séculos...
Me sinto o Pai Tietê. Dos meus sovacos
Saem fantasmas bonitões pelos caminhos
Penetrando o esplendor falso da América.

Dei-vos minas de ouro vós me dais mineiros!
Glória a Cícero nas vendinhas alterosas
Com a penugem dos pensamentos sutis
Feito ninho de guaxe
O passado atrapalha os meus caminhos
Não sou daqui venho de outros destinos
Não sou mais eu nunca fui eu decerto
Aos pedaços me vim — eu caio! — aos pedaços disperso
Projetado em vitrais nos joelhos nas caiçaras
Nos Pireneus em pororoca prodigiosa
Rompe a consciência nítida: EU TUDOAMO.

Ora venga los zabumbas
Tudoamarei! Morena eu te tudoamo!
Destino pulha alma que bem cantaste
Maxixa agora samba o côco
E te enlambuza na miséria nacionar

II

Meu baralho dois ouros
Eu não quero mais jogar
Meu baralho dois ouros
Eu não quero mais jogar.

E diz o príncipe
Sangue-azul louro perneta
Ontem me deu na veneta
Fui na venda pra jogar
Joguei no sangue
Companheiro de aventura
Mas o sangue se depura
Está na moda depurar

Meu baralho dois ouros
Eu não quero mais jogar.

E diz o sangue
Rebolando a raça fina
Tintinabulem tintinas
Que eu vou jogar no ariano
Mai' não me assustem
Que num mês viro paulista
Ganho bem suspendo a crista
E tenho quatrocentos anos.

Meu baralho dois ouros
Eu não quero mais jogar.

Diz o ariano
Deixe de parte seu mano
Você fede a veterano
Da rabolução de julho
Tava danado
Com a sonhança dêsses pestes
Que joguei no Júlio Prestes
Mas quem deu foi o Getúlio.

Meu baralho dois ouros
Eu não quero mais jogar

E diz o Júlio
Sou o mês nublado e frio
Que lava a bunda no rio
E economiza sabão
Fui trapaceado
Tanto heroísmo tanto estralo
Que arrisquei tudo em São Paulo
Mas quem deu foi a traição.

Meu baralho dois ouros
Eu não quero mais jogar.

Diz a treição
Navegando na água turva
Vá pela sombra e na curva
Apite que nem buzina
E foi-se embora
Tão elegante e gentil
Que joguei no meu Brasil
Mas quem deu foi a Argentina!

Ai meu baralho dois ouros
Eu não quero nunca mais jogar!
Vou seguindo no cortejo
E vira o côco Sinhá!

III

Pica-Fumo Rompe-Rasga
João Jaffet e mariposa
Olê banqueiro da esquina
Acende a vela da espôsa
Pica-Fumo funga um chôro
Rompe-Rasga masca a coisa
João Jaffet sou da imoralidade
Olê banqueiro da esquina
O que não sabe imagina
João Jaffet da nossa cama
Deu um prisco e disse adeus

Mas o banqueiro crê em Deus
Convoca na escruzilhada
Um conselho de família
Vem o Diabo vem a Pomba
Rompe-Rasga Jornalista
E a Santa Constituição
Senhores grande é o perdão
O juiz com a vela da espôsa
Bateu no céu que esfolou
Eu joguei na mariposa
Mas quem deu foi barbuleta
“Antigamente espineta
Depois mazurca, hoje samba”
Me disse um cipreste triste
Senhor de borla e cacimba

IV

Mas não quero êstes zabumbas!
Eu não quero o fulgor da mocidade
Nem teus peiticos morena.

Vamos a ver adonde cai o fogo-do-ar
É um coração velho experimentado
Que a Guerra Grande de 14 mutilou...

Voa uma pomba no adro.
O caçador aponta. A pomba atira.
A pia pinga o pinto pia
Morre a vizinha.

És virgem
Virgem nasceste virgem morreste ôh sonêto
Vejo tua estrêla morta no teu corpo frio
Onde os ratos fazem ninho.

O entêrro trouxe tanto carro
“Mais um!” sino canta “Mais um!”
Supostas as lágrimas de todos os porões
Puxa que inundação!

Mas eu não quero êstes zabumbas
Prefiro a excursão roçando no morro
Desejo a noite em que a miséria durma
Indiferente às gargalhadas infernais...

Calma
Calma de rio de água barrosa
Donde nos vem a maleita sublime
O grande bem... Vamos maninha vamos

Na praia passear
Vou esperar o sonho que há de vir
E quando vier o hei de matar.

V

Plaff! chegou o Carro da Miséria
Do carnaval intaliano!

Tia Miséria vem vestida de honour (honra)
Côr de cobre do tempo
Atrás dela recolhendo guspe.
O caronel o ginaral o gafetão
O puro o heróico o bem-intencionado
Fio da usina brasileira
Requebra o povo de Colombo.

Tia Miséria vai se ajeita
E tira o peido da miséria.

Mármore estralam rebentados
Vento sulão barrendo as chamas
Contorce os pinheiros machados
Zine o espaço carpideira
Arrancando os cabelos

Dos luminosos magistrais
E à luz dos raios que te partam
Colhida pelos vendavais
Faz bilboquê com a bolinha do mundo
A cibalização cristã.

VI

Ah eu sei que as trompas fúnebres
Chamam os novos prà circuncisão!...

São os moços negros não da África
São os moços nугros lá das oficinas
Fábricas e chavascais
Chapéus fálicos no cocuruto
E enormes maracás simbólicos na mão...

Caipiras praieiros bichos-do-mato rendeiras
Trazei pro cortejo mil carros de milho!

A oficina apita no grão da arraiada
E vamos ter brigas e mortes que bão!

Ao poeta tu pagas ao farda tu pagas
Louvores e guerras escorre tostão...

Larinhos crespinhos e matarazinhos
Lá vem o esculápio num pingo quartão...

Mas eu sei sei que as trompas fúnebres
Chamam os novos prà circuncisão!

Bilboquê por bilboquê
Os moços nugros lá das oficinas
Fazem bilboquê da civilização.

VII

Tia Miséria talvez antes que o galo cante
Me negarás três vêzes Tia Miséria...

VIII

Nas ondas do mar eu vou
Tenho mêdo de morrer
Si eu soubesse que morria
Nas ondas do mar não ia.

Geme por sôbre mim
O grande torpe esfacelado
Âncoras caem feito lágrimas
Do meu amor que se acabou.

Mergulho no ão do vendaval.
... tôda essa multidão de caminhos malditos
Por onde puxo o Carro da Miséria feito boi
Eu boi? eu cobra! não! que eu sou gaúcho
Cuéra na dignidade e na zangueza!

Viúvas restritas restrutas restritas
Venham amostrar a obrigação do poeta
Que range e come as próprias túbias do naufrágio
Venham escutar o canto das jangadas
E a tropilha em rancor cegar meus gritos
Traíras velozes rombos infinitos
Maravilhas de Europa e arranha-céus...
No fundo eu choro como um mamote safado
No fundo eu choro como um safadíssimo chupim.
Viúvas restritas viúvas da Bolívia
Venham explicar a obrigação do poeta
Assanhadas coitadinhas dessas madres
Por me encontrarem constipado.

IX

Ôh. não! muito obrigado.
...pra depois outro e mais outro
Basta o que vai-me por dentro
Amargo de alma de moço
Dêste século safado
Cigarro... praquê cigarro

Basta Mussoline Trotski
A Neoscolástica Freud
Crise virtuosos cinema
Como o sereno na flor
Não insista mais amor
sou desgraçado não fumo.

X

Pois então violão hás de reconhecer
Que é impossível em plena cibalização
A coincidência do leproso...

Nesta casa tem... tem... tem...
Tem chão de terra e latrina de poço

Neste poço tem... tem... tem...
Tem adubo fino e doença pra moço.

Êste moço tem... tem... tem...
Alma de alecrim corpo de caroço.

Alma de alecrim! alma de alecrim!
Plantaram no chão deu fogo santelmo
Falaram que aquilo é prata escondida
Abriram a cova pulou o esqueleto.

O esqueleto segue zurzido
Pelas tiradeiras pelas pás pelas sementes
Um rico cidadão provindo de Barbados
Que resistiu no sorvedouro da Madeira-Mamoré
Chimpa sôbre o esqueleto um insulto em inglês
Bate mas não insulta
Fala o esqueleto com sua cara de pelote
É então que o bandeirante
Aponta o clavinote
Mas Deus existe até num pote
E o esqueleto engole o insulto
E mais a ponta do chicote.

XI

Enquanto isso os sabichões discutem
Si doce-de-abobra não dá chumbo pra canhão.

XII

Mas eu mas eu rapazes
Canto com convicção.
Eu canto as viúvas canto os marmeleiros
Canto o gôsto do mel e da amplidão
Librar librar asas de ouro e granada
Sôbre o Carro da Miséria
Mas si o carro está escarlate

Que parece um bonifrate
Isso é sangue era-não-era
Que só com a Vaca-Amarela
Parou o esguicho coagulou
Com tanta arte de repuxo
Que é ver pluma de avestruz
Zás-trás quem é? . . .

É o chauffeur que vem de Angola
Com a Internacional na bôca
E o seu chapéu à espanhola.

XIII

Enquanto o mundo fôr mundo
Enquanto o sal fôr compra-e-venda
Enquanto a vida vier com injeção de éter
Enquanto o poeta tiver
Vetiver cabeça tronco e membro
Os milagres farão chuvas de astros nos sonhos
O amor há de ser tudo e a carícia dos pratos
Além de alimentar despertará prazer . . .

Chorar é bom, rir bim, raivar é bão pão pão
Mas im miu páito as núvoas dus absentos
Não puderão tir mais dulçuras de mulatras
Nem o soave gimir das brises no caqueiral.

Tôrpe é a cidade. Um desejo sombrio de estupro
Um desejo de destruir tudo num grito
Num grito não num gruto
E dar um beijo em cada mão de quem trabalha...

E si o Fulano fôr maneta?
Ora brinque-se senhor adevogado
Diga adeus e vá pro Diabo que o carregue
Que eu também já vou saindo
Pro galo poder cantar.

XIV

Vou-me embora vou-me embora
Vou-me embora pra Belém
Vou colhêr cravos e rosas
Volto a semana que vem

Vou-me embora paz da terra
Paz da terra repartida
Uns têm terra muita terra
Outros nem pra uma dormida

Não tenho onde cair morto
Fiz gorar a inteligência

Vou reentrar no meu povo
Reprincipiar minha ciência

Vou-me embora vou-me embora
Volto a semana que vem
Quando eu voltar minha terra
Será dela ou de ninguém.

XV

Êstes zabumbas que eu quero!
Quero a vida franca nobilitada
Esquecida dos séculos atrás!

Vocês sombras ignaras das enxadas
Punidos sem razão nas camisas listradas
Mães pra ter filho mães pra lavadeiras
Vermes barrigudinhos chins e Almeidas
Avança avança contra tôda a Cristandade!

General serás derrotado
Há de o sabor da vida alumiar tantas almas
Quantas o dia contiver
Por que não serão sombras os passados

Por que não há de a glória dos povos
Ruir em saudade inocência vazia dos tempos escuros
Vertigem de tanto crime que se foi? . . .

Ainda não viveste
Não refaças com dulce e suciadade
A longa vida de inferioridade
Que os séculos atrás acumularam
Há um fulgor bravo em se datar a entrada
Sem reviver puxando atrás de si
A cauda do pavão e mil olhos de séculos
Te castigando o andar debilitado.

XVI

Nasce o dia canta o galo
O salvador não nasceu.

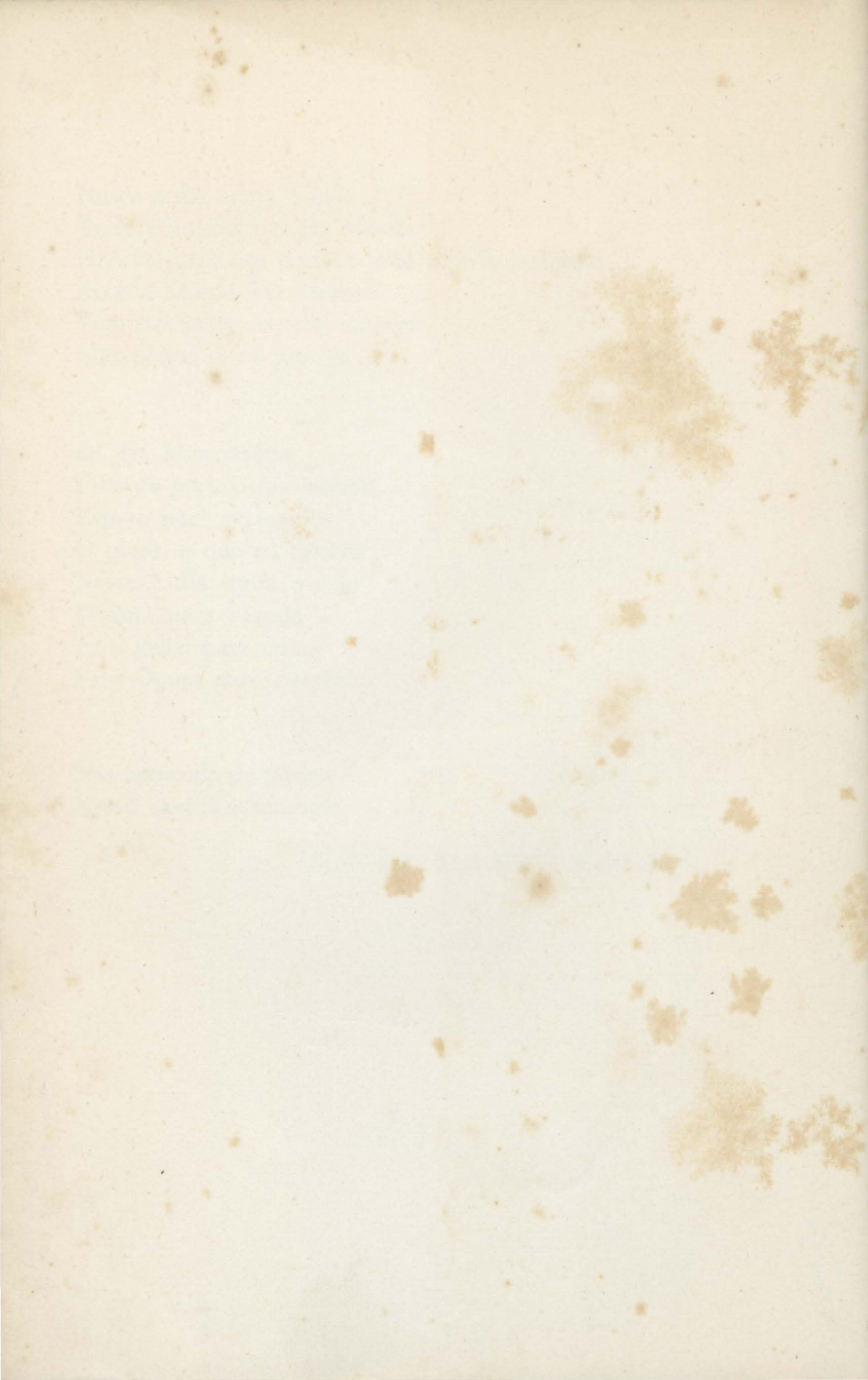
Não foram êsses heróis heróis revolucionários
Que ficaram heróis heróis revolucionários
Martirizados pelo encalhe do café
Não foram êsses heróis vestidos de farda e farsa
Capazes de vencer na luta pizzico-física
Crentes ainda de corage e covardage
Que fizeram vosso dia
Não nasceu o salvador.

Nasce o dia canta o galo
Tudo é angústia e Tia Miséria
Grunhe junto aos portões feito capado e dorme
Acorda acorda Tia Miséria
Vem nascendo um dia enorme
Mas pouco se vê porém!

Ôi Tia Misemiséria
Tens de parir o que espero
Espero não! esperamos
O plural é que eu venero
Nasce o dia canta o galo
Miséria pare vassalo
Pare galão pare crime
Pare Ogum pare cherém:

Pois então há de parir
Nossa exatidão também.

(24-XII-1930; 11-X-1932 e 26-XII-1943)





270.4



Impresso na
E. G. "Revista dos Tribunais" Ltda.
São Paulo

